



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS ESPANHOL

ELIÉZER RICARDO DA SILVA

PERCEPÇÃO DO RACISMO E A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: O CASO
DAS TELENOVELAS E A PERPETUAÇÃO DO RACISMO ATRAVÉS DA
LÍNGUA.

RECIFE
2019

ELIÉZER RICARDO DA SILVA

PERCEPÇÃO DO RACISMO E A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: O CASO
DAS TELENOVELAS E A PERPETUAÇÃO DO RACISMO ATRAVÉS DA
LÍNGUA.

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em letras Português
Espanhol do Curso de Letras da Universidade Federal
Rural de Pernambuco - UFRPE.
Orientador Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares.

RECIFE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p

Silva, Eliezer Ricardo da Silva

Percepção do racismo e a análise crítica do discurso: o caso das telenovelas e a perpetuação do racismo através da língua / Eliezer Ricardo da Silva Silva. - 2019.
25 f.

Orientador: Prof Dr Inaldo Firmino Soares.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Recife, 2020.

1. racismo. 2. racismo estrutural. 3. Análise Crítica do Discurso. 4. telenovelas. 5. democracia racial brasileira. I. Soares, Prof Dr Inaldo Firmino, orient. II. Título

CDD 410

PERCEPÇÃO DO RACISMO E A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: O CASO DAS TELENVELAS E A PERPETUAÇÃO DO RACISMO ATRAVÉS DA LÍNGUA.

RESUMO

Esse artigo discute a manutenção cultural do racismo sob a ótica discursiva considerando as telenovelas que foram veiculadas no Brasil através da televisão a partir do ano de 1962 até 1998. Para isso, foi analisado o filme documentário do diretor Joel Zito Araújo. O filme faz um resumo do período citado e descreve as relações dos atores negros do Brasil e suas personagens. Procura-se buscar na fala dos personagens representados por atores negros ou por personagens brancos, marcas discursivas que ratifiquem a perpetuação do racismo, pois acredita-se que as telenovelas não podem ser vistas apenas como uma forma de entretenimento de massa já que alcança altíssimos índices de audiência. Este trabalho acadêmico deixa evidente que apenas a legislação não é suficiente para banir o racismo estrutural que impera nas mentes de uma boa parte dos brasileiros. Racismo que é identificado através de expressões que se usa no dia a dia. Nesse ponto, a Análise Crítica do Discurso faz desvelar o que há por trás da malfadada democracia racial brasileira, através do pensamento de um dos maiores teóricos da temática, Teun A. van Dijk. Por fim, pode-se ver a importância do papel das telenovelas na manutenção da concepção racista no Brasil e também, em sentido contrário, como ponto de partida para os questionamentos e combate dessa praga que tem suas bases no pensamento colonial da História do Brasil.

Palavras-chaves: racismo; racismo estrutural; Análise Crítica do Discurso; telenovelas; democracia racial brasileira;

RESUMEN

Este artículo discute el mantenimiento cultural del racismo desde el punto de vista discursivo considerando las telenovelas que se emitieron en Brasil a través de la televisión desde 1962 hasta 1998. Para esto, se analizó el documental del director Joel Zito Araújo. La película resume el período citado y describe las relaciones de los actores negros en Brasil y sus personajes. En el discurso de los personajes representados por actores negros o personajes blancos, buscamos marcas discursivas que ratifiquen la perpetuación del racismo, porque se cree que las telenovelas no pueden verse solo como una forma de entretenimiento masivo, ya que alcanza niveles muy altos. de audiencia. Este trabajo académico deja en claro que la legislación por sí sola no es suficiente para prohibir el racismo estructural que reina en la mente de una buena parte de los brasileños. Racismo que se identifica a través de expresiones cotidianas. En este punto, el Análisis Crítico del Discurso revela lo que está detrás de la desafortunada democracia racial brasileña, a través del pensamiento de uno de los más grandes teóricos sobre el tema, Teun A. van Dijk. Finalmente, se puede ver la importancia del papel de las telenovelas en el mantenimiento de la concepción racista en Brasil y, por el contrario, como un punto de partida para las preguntas y el combate de esta plaga que tiene su base en el pensamiento colonial de la historia brasileña.

Palabras clave: racismo; racismo estructural; Análisis crítico del discurso; telenovelas; Democracia racial brasileña;

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 Racismo no Brasil

O que significa ser negro no Brasil? O que de fato há por trás da imagem da democracia racial brasileira? Se um dia a sociedade se baseou em teorias como a da superioridade das raças para classificar as pessoas e se arrogar o direito de escravizar ou eliminar uma raça, um povo ou uma comunidade, hoje isso é considerado inadmissível. Os negros foram, aprisionados, exilados de sua pátria africana e condenados à escravidão durante séculos por diversas sociedades pelo mundo; no Brasil, até o final do século dezenove. Atualmente, a escravidão, seja ela qual for, é considerada um ato repulsivo e intolerável, mas os vestígios deixados por ela ao longo da história estão espalhados por toda a sociedade, de norte a sul e de leste a oeste. Exclusão, preconceito, discriminação e racismo são algumas das realidades enfrentadas até hoje no Brasil. Discutir a respeito e rever nossa história é um dos caminhos para mudar essa realidade.

Não se pode deixar de salientar, porém, que no Brasil atual, racismo é crime e isso significa um posicionamento do Estado brasileiro em relação ao tema, ou seja, pode-se dizer que muito se evoluiu considerando-se o combate objetivo do racismo através da legislação. Sendo assim, através de uma rápida consulta em alguns dispositivos legais, ver-se-á o quanto é grave a prática desse crime. Segundo a Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu Artigo 3º, inciso IV, “é objetivo fundamental da República promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça [...] e quaisquer outras formas de discriminação”. No mesmo diapasão ver-se o Código Penal Brasileiro, Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, afirmar que “Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, [...] a pena será de reclusão de três anos e multa”. Já a Lei nº 2.889, de 1º de outubro de 1956 estabelece como “homicídio qualificado os casos em que haja intenção de matar grupo nacional, étnico, racial [...] e terá pena de 12 a 30 anos de reclusão”. A Constituição Federal do Brasil e os outros normativos infraconstitucionais citados são apenas uma referência para se ter uma ideia de como o Estado Brasileiro vê e pune, concretamente, a prática do crime de racismo. Mas é preciso que se diga que essa prática hedionda de comportamento não será mitigada apenas com a aplicação de leis, pois a questão é muito mais complexa e exige uma reflexão profunda sobre o assunto, o que desvelará a forma mais cruel de racismo dentro de uma sociedade: o racismo naturalizado.

No Brasil, durante algum tempo e, para alguns, até os dias atuais, vigorou a imagem de um país sem racismo. Mas, não é bem assim, as medidas políticas de ação afirmativa são voltadas para grupos que foram ou ainda são discriminados pela exclusão social, como por exemplo, a Lei de igualdade racial ou das cotas das universidades públicas, que abrem maiores oportunidades para a igualdade social. Tais ações e leis trouxeram à tona inflamadas discussões sobre a importância do combate do racismo que, como no Brasil, ainda é um fenômeno presente em muitos países, mesmo aqueles que não têm um passado escravista como os países das Américas. Isso acontece, apesar dos esforços das Nações Unidas, das campanhas promovidas pelos Estados, das ações afirmativas e dos estudos acadêmicos.

Sem muitos esforços, é fácil constatar a existência da falsa ideia que existem raças superiores e raças inferiores. No caso específico do racismo no Brasil, possuidor de um passado sombrio nesse ponto, vê-se que quando se refuta as repercussões fundamentais desse passado escravocrata, tende-se a uma interpretação míope de uma questão tão devastadora e sempre atual que vivemos. Nesse contexto, deixa-se de enxergar a opressão vivida pelos negros e isso significa silenciar e perpetuar os desequilíbrios sociais e as injustiças que brotaram no percurso de nossa História.

Dentre os muitos atores envolvidos nesse enredo, talvez o Estado seja aquele que tenha a maior influência no processo de mitigação das consequências dessa hecatombe que foi a escravidão no Brasil. Como se sabe, o Estado Constitucional tem, por natureza, a atribuição primordial de equilibrar as relações sociais; mas, às vezes, por ser comandado por pessoas que, em vários instantes e por vários motivos, não conseguem relacionar as causas e os efeitos das desigualdades e dos desequilíbrios sociais existentes, passando a ser o principal opressor do cidadão negro, vítima em todo esse percurso histórico, no qual, o poderoso Estado, pode ser caracterizado por sua crueldade. Isso pode ser constatado nas expressões de Euclides da Cunha, em “Os Sertões”:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam ruidosamente cinco mil soldados (CUNHA, 1984, p. 264).

A miopia estatal, no tocante às causas e efeitos dos desequilíbrios sociais, pode levar, concretamente, à destruição de comunidades inteiras, como foi o caso de Canudos. Não muito diferente da hecatombe ocorrida na coletividade retratado por Euclides da

Cunha, tem-se, atualmente no Brasil, as favelas, nas quais, faltam condições e respeito para cada cidadão residente nessas localidades tão similares a Canudos, ou seja, são negados os direitos de igualdade, dignidade e de acessos a uma prática justa de cidadania. A negação de tais direitos é constatada no dia a dia das pessoas, mas há a estratégia de negação do racismo como forma de ocultar um crime que é punido severamente por lei e isso será visto no próximo tópico deste trabalho.

1.2 Negação do Racismo

O discurso da inexistência de racismo no Brasil produziu uma imensa dificuldade de entendimento (inclua-se aí, brancos e negros), que são vitimados por não entenderem do mecanismo da cruel segregação e discriminação raciais no contexto da sociedade brasileira. Esse discurso, sempre contrário nos efeitos, ao que dizem as estatísticas sobre a situação dos negros no Brasil, tem contribuído de uma forma eficiente para a perpetuação das desigualdades sociais no Brasil. Parece haver uma intencional rejeição da existência do racismo, porém, essa ideia pode ser refutada se considerarmos que a questão do racismo no Brasil é estrutural, ou seja, a lógica de funcionamento social permite tais práticas que, em seu bojo, são geradoras das diferenças de acessos e de oportunidades dentro da sociedade brasileira. Necessário é, fazer menção a uma ferramenta extremamente nociva, que é usada até pelas instituições legalmente constituídas: o mito da democracia racial do Brasil.

Segundo a Dra. Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga: *“no Brasil, é até possível que se reconheça que existe algum tipo de discriminação, mas ela é sempre um problema do “outro”*. Em recente entrevista, apresentada em seu canal do You tube, Schwarcz, afirma que:

A ideia de democracia racial no Brasil começou logo após a independência. No ano de 1838, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro resolveu criar um concurso chamado -Como Escrever a História do Brasil? - Que foi vencido por um estrangeiro, Karl Von Martius, que defendeu a tese que o Brasil era composto por três rios: um rio bem caudaloso, chamado de rio “branco”, um rio menor denominado de “vermelho e um outro rio, ainda menor, chamado de rio “negro. Essa perspectiva representava que o Brasil era resultado de uma mistura com um certo grau de hierarquia [...], mas foi com o sociólogo, Florestan Fernandes, tempos depois, que se descobriu que o brasileiro

tem um tipo particular de racismo: o brasileiro tem preconceito de ter preconceito, ou seja, é racista, é preconceituoso, mas nega sempre esse estado. Isso criou uma noção de mestiçagem muito complicada, porque, no caso, quando se pensa em mistura, deve-se, imediatamente, considerar a separação que existe.

Essa percepção da complexidade do tema, historicamente, de per si, já seria suficiente para dar contornos dramáticos, pois temos a desigualdade social como resultante da perpetuação das práticas racistas no Brasil. A situação fica mais crítica quando o poder público ou seus representantes induzem a coletividade a crer no mito da democracia racial através de campanhas institucionais ou por depoimentos pessoais. Veremos a seguir dois casos emblemáticos que ilustram como pensam algumas autoridades brasileiras sobre o tema democracia racial.

Primeiro caso:

Durante o mais recente governo militar no Brasil, exatamente no Governo do General Médici, foi disseminada uma propaganda institucional através da televisão, que pretendia, de certa forma, reafirmar a pretensa democracia racial do Brasil. Tratava-se de uma vinheta produzida com desenhos animados de aproximadamente quinze segundos, na qual eram representados os personagens formadores da nação brasileira, ou seja, o índio, o branco e o negro. Além dos efeitos visuais, também era apresentada uma música cuja a letra era a seguinte: *“Este é um país que vai prá frente de um povo unido de grande valor, é um país que canta, trabalha e se agiganta, é o Brasil do nosso amor”*. Ao final da música, aparecia todos os personagens de mãos dadas dentro do mapa do Brasil, passando a ideia de uma unidade étnico-cultural e fraternal entre aqueles povos e em todas as regiões do país. A mensagem passada por essa propaganda é, como sabemos, falaciosa. No entender de van Dijk:

Uma vez que o discurso público potencialmente alcança uma grande audiência, é essa forma social de negação que se torna mais influente e, por consequência, também mais perniciosa: é o discurso social da negação que persuasivamente contribui para a construção do consenso branco dominante. van Dijk (2017, p.158).

Segundo caso:

O atual presidente da República, Sr. Jair Messias Bolsonaro, nega ser racista, apesar de existir muitas marcas discursivas no percurso da sua história, que, no mínimo, contribuem para a perpetuação do racismo no Brasil, justificando com um fato que

aconteceu quando era soldado do exército. Segundo afirmou o presidente da República, em entrevista dada à jornalista Luciana Gimenez:

No ano de 1978, um soldado, da minha bateria, do grupo de artilharia, caiu de uma corda numa lagoa e afundou ... e eu fui lá e salvei esse cara, que por coincidência era negro, da mesma cor do Hélio negão, de mesmo matiz, ali... Por causa de ato meu, eu recebi a medalha chamada de pacificador com palmas, porque quem arrisca sua vida por terceiros ... então se eu fosse racista ... o negão caiu dentro d'água eu fazia o quê? Ia cruzar os braços. Eu entrei lá, na segunda vez que mergulhei consegui trazer o negão do fundo da lagoa; é meu amigo até hoje, né... e o exército reconhece a gente por esse momento... essa questão do racismo no Brasil é coisa rara, o tempo todo tentam jogar negro contra branco [...] desculpe o linguajar do presidente, é de encher o saco.

A concepção cultural de democracia racial no Brasil é, como vimos, geradora de confusão nos entendimentos. Chega-se a justificar o não ser racista com exemplos que, na verdade, não têm nada a ver com o cerne da questão, caracterizando total falta de conhecimento, sintonia e profundidade intelectual nos conceitos que caracterizam visões racistas. Sendo assim, um ponto muito importante a ser percebido é a estratégia usada, em cada caso, da negação do racismo que, segundo o linguista holandês Teun A. van Dijk, é:

Uma das características centrais do racismo contemporâneo, ilustrada de modo típico nas conhecidas ressalvas do tipo “não tenho nada contra negros, mas [...] trata-se de um exame das estratégias discursivas, bem como as funções cognitivas e sociais dessa e de outras formas de negação em diferentes gêneros orais e escritos a respeito de questões étnicas e raciais. van Dijk (2017, p.155)

Do mesmo modo pensam Lopes e Pereira quando dizem que:

[...] chegamos à constatação de que os sujeitos discursivos negam a presença da população negra; negam também a existência de preconceito contra negros e reforçam o mito da democracia racial; unem a imagem do negro ao povo africano e a distanciam do povo brasileiro; e subestimam a capacidade intelectual dos negros.

Mister se faz lembrar a todos que aceitam esse tipo de argumentação do Sr. Presidente que salvar a vida de uma pessoa que é negra, merece todo louvor; porém, contrariamente à argumentação apresentada, o racismo não inclui apenas o desejo de matar um negro ou que simplesmente morra. Trata-se de uma questão estrutural, na qual

precisa-se analisar vários outros pontos com um grau elevadíssimo de subjetividade, que não implica apenas na proposição: salvei um negro, logo, não sou racista. O tema racismo precisa ser tocado com naturalidade, pois se faz presente no dia a dia de cada cidadão brasileiro. Negá-lo, significa perpetuar essa praga tão nociva para a civilização humana existente nas sociedades.

1.3 Estereótipos

Não se pode imaginar que o processo de opressão social brasileiro, em relação aos cidadãos negros (homens e mulheres), está dissociado de um regime cultural massivo, que extrapola a percepção dos desavisados. Nesse ponto, vemos a importância dos estudos linguísticos no combate a esse mal social enraizado nas pessoas que, mesmo sem perceberem, repetem palavras e expressões que reproduzem o sistema de opressão racial, ou seja, estamos nos referindo a uma das formas mais eficientes de disseminar o pré-conceito e o racismo: a linguagem. Apenas para exemplificar, quando, por exemplo, repetimos, mesmo que inconscientemente, expressões como: “serviço de preto”, “nordestinos que residem no Nordeste brasileiro não têm qualidade de vida”, “índios são preguiçosos”, “todo judeu é avarento”, “todo morador de favela é marginal” etc., estaremos reforçando preconceitos e fortalecendo a crença racista e a estigmatização, que é a responsável por reforçar concepções e estereótipos a respeito do outro, os quais, hierarquizam as culturas e as pessoas, contribuindo para o aprofundamento das desigualdades sociais. Segundo o diretor e produtor do filme/documentário “A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira”, Joel Zito Araújo:

Todos os atores negros, que integraram os elencos das novelas, que buscaram ser fiéis à realidade do Brasil, no século vinte, tiveram que interpretar os estereótipos clássicos sobre o negro. Além da mãe preta, houve, constantemente, os estereótipos do jagunço e do fiel guarda-costas. Por sua vez, a criança negra sempre apareceu como menor abandonado ou desamparado, geralmente tratado como moleque de natureza cômica.

Pode-se dizer então que, os estereótipos sociais são conjuntos de crenças, de opiniões, que se adquire durante o processo de socialização e que simplificam a realidade, mas que distorcem e generalizam características, atributos e comportamentos de certos grupos sociais. Nas palavras de Walter e Batista (2007): Os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de

algum tema, de uma determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado a ações. Como exemplo, podemos citar o caso específico das telenovelas brasileiras quando as criadas cômicas e alcoviteiras, muitas vezes maliciosas e mentirosas, foram um estereótipo da empregada doméstica negra, sendo uma constante em boa parte das telenovelas brasileiras. De certa forma, isso dá vida e reproduz os vários discursos racistas.

1.4 Discurso Racista

A ideia da inferioridade racial dos negros no Brasil, necessariamente não tem que estar explicitada para que exista. Muitas vezes, a miscigenação, que é a marca da formação da sociedade brasileira, mascara a desigualdade racial do país. O que é fato, porém, e não pode ser negado, são as estatísticas que mostram as disparidades existentes entre a situação dos indivíduos de pele clara e dos outros brasileiros, negros ou mestiços, que são a maioria da população carcerária do Brasil, segundo o que é veiculado pela imprensa nacional. Ainda mais, segundo os mesmos veículos de comunicação, os trabalhadores negros brasileiros recebem a metade da renda daqueles que exercem as mesmas funções, só pelo fato da diferença da cor da pele.

O predomínio da crença de inferioridade dos negros no Brasil tem raízes culturais e faz parte da nossa História, como também, parece ser fruto dos estereótipos que eram e são atribuídos aos povos africanos de incapacidade e falta de inteligência. Lamentavelmente, isso nos leva a uma conclusão cruel sobre a mentalidade da nossa sociedade: o pensamento racista brasileiro ainda tem suas bases do imaginário colonial sobre as populações africanas criado pelo europeu português.

A manutenção do discurso racista dá vida a esse imaginário depreciativo do povo negro no Brasil. Palavras e expressões que parecem ser inofensivas trazem consigo uma carga de opressão essencialmente racista. Vejamos alguns exemplos retirados do Site do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST:

- 1. Você não é tão negro (a), né?**
- 2. Você é negro (a), mas é bonito (a).**
- 3. Hoje é sua vez de fazer serviço de preto.**
- 4. Vocês negros nunca serão respeitados se forem tão agressivos.**
- 5. Neguinho é muito folgado.**
- 6. Não sou tuas negas**

Essa expressão relaciona a mulher negra como “qualquer uma” ou “de todo mundo” indica a forma como a sociedade a percebe: alguém com quem se pode fazer tudo. Escravas negras eram literalmente propriedade dos homens brancos e utilizadas para satisfazer desejos sexuais, em um tempo no qual assédios e estupros eram ainda mais recorrentes. Portanto, além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.

7. Você é um negro de alma branca.

8. Por que não existe Dia da Consciência branca?

9. Negros são os mais racistas com eles mesmos.

10. Você é uma morena linda.

11. Cabelo ruim, hein.

Fios “rebeldes”, “cabelo duro”, “carapinha”, “mafuá”, “piaçava” e outros tantos derivados depreciam o cabelo afro. Por vários séculos, causaram a negação do próprio corpo e a baixa autoestima entre as mulheres negras sem o “desejado” cabelo liso.

12. Nego é isso, nego é aquilo...

13. Você é da cor do pecado

Utilizada como elogio, se associa ao imaginário da mulher negra sensualizada. A ideia de pecado também é ainda mais negativa em uma sociedade pautada na religião, como a brasileira.

14. Você tem uma beleza exótica.

15. A coisa está preta!

A fala racista se reflete na associação entre “preto” e uma situação desconfortável, desagradável, difícil, perigosa.

16. Nossa, senti uma inveja branca de você agora.

A ideia do branco como algo positivo é impregnada na expressão que reforça, ao mesmo tempo, a associação entre preto e comportamentos negativos.

17. Moço, você trabalha aqui?

Quando uma pessoa negra é o cliente, mas é visto como o empregado.

18. Apesar de você ser negro (a) pelo menos tem os traços finos.

Tratamento dado ao que está fora da estética branca e europeia como incomum.

19. Mulato ou mulata

Na língua espanhola, referia-se ao filhote macho do cruzamento de cavalo com jumenta ou de jumento com égua. A enorme carga pejorativa é ainda maior quando se diz “mulata tipo exportação”, reiterando a visão do corpo da mulher negra como mercadoria. A palavra remete à ideia de sedução, sensualidade.

20. Cor de pele

Aprende-se desde criança que “cor de pele” é aquele lápis meio rosado, meio bege. Mas é evidente que o tom não representa a pele de todas as pessoas, principalmente em um país como o Brasil.

21. Doméstica

Negros eram tratados como animais rebeldes e que precisavam de “corretivos”, para serem “domesticados”.

22. A dar com pau

Expressão originada nos navios negreiros. Muitos dos capturados preferiam morrer a serem escravizados e faziam greve de fome na travessia entre o continente africano e o Brasil. Para obrigá-los a se alimentar, um “pau de comer” foi criado para jogar angu, sopa e outras comidas pela boca.

23. Meia tigela

Os negros que trabalhavam à força nas minas de ouro nem sempre conseguiam alcançar suas “metas”. Quando isso acontecia, recebiam como punição apenas metade da tigela de comida e ganhavam o apelido de “meia tigela”, que hoje significa algo sem valor e medíocre.

24. Samba do crioulo doido

Título do samba que satirizava o ensino de História do Brasil nas escolas do país nos tempos da ditadura, composto por Sérgio Porto (ele assinava com o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta). No entanto, a expressão debochada, que significa confusão ou trapalhada, reafirma um estereótipo e a discriminação aos negros.

25. Ter um pé na cozinha

Forma racista de falar de uma pessoa com origem negra. Infeliz recordação do período da escravidão em que o único lugar permitido às mulheres negras era a cozinha da casa grande.

25. Mercado negro, magia negra, lista negra e ovelha negra

Entre outras inúmeras expressões em que a palavra ‘negro’ representa algo pejorativo, prejudicial, ilegal.

Todas essas expressões aguçam, de uma forma ou de outra, o imaginário depreciativo que existe sobre o negro. Quando se fala “serviço de negro”, por exemplo, pode-se pensar numa referência a um serviço feito de modo relaxado, sem qualidade. Também, quando na identificação de uma pessoa negra, usa-se as expressões “mulato (a)”, “moreno (a)” ou “moreninho (a)”, parece haver uma certa resistência no uso das

palavras preto ou preta, negro ou negra, por ser ofensivo ou coisa parecida no imaginário das pessoas. Uma situação extrema é dizer que uma pessoa negra é exótica. Pura contradição discursiva, pois os negros representam mais de 54 por cento da população brasileira, segundo os órgãos que realizam essas estatísticas. Ser negro no Brasil não é ser exótico; é o comum. Por sua vez, usa-se muito, de forma inconsciente até, a expressão “denegrir” como sinônimo de difamar, porém o seu significado é tornar negro. Do exemplo, vê-se que de forma involuntária, em muitos casos, relaciona-se, subliminarmente, o ato da difamação com o ser negro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: análise Crítica do Discurso (ACD)

Há uma combinação concreta e indissolúvel entre sociedade e língua. Toda e qualquer língua viva, que é o resultado de uma convenção social, tem a função de permitir a comunicação entre os indivíduos, sejam eles de uma mesma comunidade ou não. De um modo mais amplo, pode-se dizer que os indivíduos, para viverem em sociedade, dependem da língua. Trata-se da base cultural e, certamente, sem ela, não haveria civilização nos moldes que conhecemos.

O poder das palavras é algo incontestável nas vidas das pessoas. O próprio texto bíblico, com seus preciosos ensinamentos, alerta para o uso das palavras de modo ordenado e cuidadoso para que as consequências não sejam nocivas para os indivíduos, como se pode observar no excerto abaixo, extraído da Bíblia Sagrada:

[...] se alguém não tropeça em palavra, o tal é perfeito, e poderoso para também refrear todo o corpo. Assim também a língua é um pequeno membro, e gloria-se de grandes coisas. Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia. A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, e é inflamada pelo inferno. Mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal. Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. De uma mesma boca procede bênção e maldição [...]

Tiago: capítulo 3, versículos 2-10

Do que foi visto do texto bíblico acima, existe uma relação direta e concreta entre as palavras e o mundo em que vivemos. Uma simples palavra mal proferida pode causar consequências danosas, promover ruína e devastação, mudando o rumo das coisas naturais. Desse modo, é mister que cada falante esteja de prontidão para entender os efeitos que as palavras podem causar. Assim, conclui-se que, através da língua, pode-se

construir verdadeiras edificações cognitivas, cujas bases estruturais são profundas, que podem servir de habitação para o bem, ou para o mal.

A análise mais profunda do uso das palavras teve início graças ao talento criativo de Ferdinand de Saussure, o precursor de todas as ideias que se tem hoje em dia sobre as questões que envolvem o uso da língua e, posteriormente, aos estudiosos da ciência sistematizada pelo gênio suíço, os conhecimentos linguísticos atuais permitem uma visão melhor do poder das palavras, pois não se trata apenas de usá-las, mas de outros fatores; dizendo de outro modo, não se pode apenas dar ênfase ao que é dito. De acordo com van Dijk, linguista holandês:

[...] interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmara, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade. Isto é, de alguma forma precisamos relacionar propriedades típicas do micronível da escrita, da fala, da interação e das práticas semióticas a aspectos típicos do macronível da sociedade como grupos, organizações ou outras coletividades e suas relações de dominação. van Dijk (2017, p.9).

Especificamente, os estudos linguísticos da Análise Crítica do Discurso tratam de um objeto de estudo: a língua, nascida dentro da própria existência da sociedade. Pode-se dizer que a ideia da crítica na análise do discurso significa o desvelar das relações de poder e de hegemonia que são projetadas na sociedade através da linguagem. Ainda, usando as expressões do teórico holandês Teun A. van Dijk torna essa afirmativa mais evidente quando afirma que: “os estudos críticos do discurso não estão meramente interessados em qualquer tipo de poder, mas [...] se concentram no *abuso* de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdade e injustiça social”. van Dijk (2017, p.10). Dessa forma, há a pretensão de se desnaturalizar discursos de poder hegemônicos, se apropriando de temáticas sociais e dos discursos que definem as relações presentes em nossa sociedade.

Na linguística, já há algum tempo, surgiu um campo de pesquisa voltado para o estudo de uma manifestação específica de racismo: aquele que aparece na fala das pessoas, nas representações da mídia e nas ideias que circulam nas sociedades. Quando se observa as palavras de Foucault sobre o discurso, ver-se a importância da decifração dos propósitos dos muitos discursos que circulam historicamente dentro da sociedade brasileira, sendo assim, o discurso: “[...] não é um encadeamento lógico de frases e

palavras que pretendem um significado em si, mas, antes, ele se colocará como um importante instrumento de organização funcional que pretende estruturar determinado imaginário social”. FOUCAULT (2012, p.9). A pobreza, a negação de acessos, a violação de direitos e a violência, que é praticada constantemente em nome de uma superioridade racial, não estão associados apenas às questões econômicas e sim, definitivamente, às questões de etnia e de raça. Essa possibilidade pode levar a uma conclusão: o racismo é um sistema de dominação social que tem algumas dimensões que precisam ser estudadas e combatidas: a discriminação cotidiana e as ideologias, atitudes e preconceitos, que se reproduzem através dos discursos

3 O FILME: A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.

Dirigido por Joel Zito Araújo e realizado no ano de 2000, *A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, retrata, de modo reflexivo, a questão da não valorização dos atores negros dentro do contexto da teledramaturgia brasileira, a partir das novelas produzidas e veiculadas pela televisão no Brasil com especial atenção para as novelas da Rede Globo no período de 1962 a 1998. O filme traz a fala dos atores em entrevistas, as quais expressam que têm consciência de que quase a totalidade dos papéis que lhes são propostos nas novelas ratificam o preconceito e mantêm a imagem do negro escravizado e humilhado. Sobre a narração, percebe-se que é feita de duas maneiras: de forma objetividade, na qual um primeiro narrador apresenta formalmente os fatos, e em outro momento, uma segunda voz se insere no contexto, subjetivamente, para relatar fatos da infância do autor do filme que expressam como as telenovelas influenciavam sua vida na cidade onde nasceu.

O início do filme mostra um evento de encerramento da novela “O direito de nascer”, que foi exibida pela TV Tupi de São Paulo e TV Rio. Foi ao ar no dia 7 de dezembro de 1964, terminando no dia 13 de agosto de 1965. De início, os atores Hamilton Fernandes e Isaura Bruno, atriz negra que interpretou a mamãe Dolores, são apresentados ao público para falar sobre o sucesso da referida novela. Segundo o filme, a atriz Isaura Bruno foi imortalizada por sua performance como mamãe Dolores, uma personagem que parecia ser uma combinação perfeita entre dois estereótipos clássicos, a mãe negra da literatura e do teatro brasileiro e a “*mamy*” do cinema norte americano. A cena final da novela foi vista por um milhão e meio de pessoas, número extremamente significativo para a época. Esse fato expressa o sucesso que foi “O direito de nascer”. Entretanto, o êxito da personagem interpretada por Isaura não foi garantia de um futuro melhor, dentro

do contexto das telenovelas nacionais, para os atores negros do Brasil. Depois de atuar em apenas três novelas, nos seis anos subsequentes, a intérprete da personagem mamãe Dolores morreu pobre e como uma desconhecida, vendendo doces na Praça da Sê em São Paulo. A história da atriz negra da novela “O direito de nascer” já prenunciava o drama de reconhecimento que viveria todos os atores negros da televisão brasileira.

Um ponto que deve ser citado é a apresentação para o público, no início do Filme, dos atores Hamilton Fernandes e Isaura Bruno (nessa ordem). A fala inicial é do ator enquanto a atriz aguarda sua vez de falar, ou melhor, dar uma saudação para o público, segundo as palavras de Hamilton, que a chama de mamãe Dolores, nome da personagem da atriz Isaura. Por sua vez, quando se refere ao ator, a atriz chama-o pelo seu nome, isto é, Hamilton. A cena é uma espécie de introdução aos assuntos que serão tratados pelo filme, mas, de início, fica a impressão de que aquele momento vivido pelos atores é apenas de um, o ator branco Hamilton Fernandes. Excetuando-se esses detalhes, que são na verdade externos ao conteúdo da novela, parece não haver, nesse momento histórico das telenovelas no Brasil, grandes questionamentos sobre as relações entre negros e brancos. Fica a suspeita que se vive a força da expressão do mito da democracia racial brasileira e suas nuances.

Por sua vez, em “A cabana do Pai Tomás”, novela exibida pela Rede Globo entre 7 de julho de 1969 e 28 de fevereiro de 1970, houve um fato que chamou a atenção: a escolha de um ator branco, Sérgio Cardozo, para interpretar o papel do velho negro, Pai Tomás. Segundo o ator, Milton Gonçalves, entrevistado no Filme, a empresa que fez a produção convocou vários atores negros para participarem da novela, porém, para interpretar o personagem principal, que era um negro, convidou-se um ator branco, que se pintou de negro, colocando umas rolhas no nariz para ficar mais abatado, apresentando uma forma arredondada e colocou, também, algodões na boca com o objetivo de alterar a voz. Esse fato provocou a primeira polêmica pública sobre a questão racial na televisão brasileira. O escritor Plínio Marcos começou, em São Paulo, a interpelar a postura da produção da novela, levantando algumas questões que precisavam ser respondidas pois, para ele, o Brasil era um país com mais da metade de sua população formada por negros e afins e a produtora da novela agia como se não houvesse atores negros que pudessem interpretar esse personagem.

Fica evidente que esse fato externo ao conteúdo da novela tem grande relevância para as temáticas posteriores, pois, se em: “O Direito de Nascer” vê-se solidez nas estruturas do mito da democracia racial do Brasil, aqui, percebe-se, mesmo com um fato

externo ao conteúdo da novela, os primeiros questionamentos sobre a condição dos atores negros brasileiros. Como veremos mais à frente, há a dúvida que a ficção vivida pelos personagens negros dentro das telenovelas, seja um espelho da “vida real”.

A novela “Antônio Maria” exibida pela TV Tupi, entre 11 de julho de 1968 a 3 de maio de 1969, apresentou uma personagem de nome Maria Clara, interpretada pela atriz Jacira Silva. Tratava-se de uma empregada doméstica negra que, no final da novela, casou-se com um homem branco. Em certo momento, Maria Clara fala da gratidão que sente por sua patroa, dona Carlota, e comenta, com muito entusiasmo, sobre como era tratada na casa na qual trabalhava. Ao responder à pergunta: por que ela queria ficar na casa onde trabalhava mesmo depois de casada? Maria Clara responde da seguinte maneira: “Por que eu quero ficar nessa casa? **Porque aqui foi o único lugar que eu encontrei onde eu me senti gente.** Nessa casa não tem aquela maldita plaquinha onde se lê: entrada de serviço. **Eu sou criada sim, eu sei, mas sou tratada como gente.** A dona Carlota outro dia, até me beijou. No dia do meu aniversário, eles fizeram festa e me deram presentes, como se eu fosse uma pessoa da família. **Eles me deixam estudar;** eu faço meu curso de inglês, de corte e costura por correspondência. **Aqui, eu sou tratada como gente.** Eu amo a dona Carlota, amo Dr. Adalberto; como se eles fossem meus próprios pais. **Na cor, nós somos diferentes, no coração, não**”. Segundo o filme, Maria Clara foi a primeira empregada doméstica de sucesso. O autor da trama tentou torná-la um exemplo para o país. Na sequência do documentário, o noivo de Maria Clara fala sobre ela, dizendo: “**eu também amo Maria Clara, que importa que ela seja de cor se a alma dela é branca e pura. É só isso que interessa.** Tomara que vocês fossem tão felizes como eu sou hoje!”

Sobre essa fala, nem tudo está perdido, pois alma não tem cor. O compositor Zeca Baleiro nos diz através de sua arte essa verdade da seguinte forma: “alma não tem cor / Porque eu sou branco? / Alma não tem cor / Porque eu sou preto? / Branquinho, neguinho / Branco, negão / Percebam que a alma não tem cor / Ela é colorida, sim / Ela é multicolor / Percebam que a alma não tem uma só cor [...]”. A questão sócio discursiva na novela Antônio Maria revela, das falas dos negros ou sobre eles, denuncia a posição de inferioridade e submissão em relação ao dominador branco. O discurso de Maria Clara mostra uma falta de identidade profunda de si, ou seja, parece não se ver como indivíduo em suas próprias palavras.

A novela “Pátria Minha”, exibida de 18 de julho de 1994 a 10 de março de 1995, apresentou uma cena considerada extremamente ofensiva. Foi o início de uma nova visão

sobre a questão racial brasileira em que a aclamada democracia racial foi colocada em xeque. A novela da Globo levou para o horário nobre um tema que poucos brasileiros ousam discutir às claras: o racismo. O assunto entrou em cena durante o capítulo em que um dos protagonistas da trama, o empresário Raul Pelegrini, interpretado por Tarcísio Meira, acusou o jardineiro Kennedy, personagem interpretado pelo ator negro, Alexandre Moreno, de roubo. Tratava-se de uma acusação injusta, mesmo assim, o empregado teve que ouvir o patrão esbravejar: "**Você abriu meu cofre, seu negro safado.**" Chorando, o jardineiro jurou inocência. "**Você pensa que acredito em crioulo?**" "**Vocês, quando não sujam na entrada, sujam na saída.**" "Foi vingança? Vingança porque não deixei você estudar?" "**Você pensa que conseguiria aprender alguma coisa? Não sabe que o cérebro de vocês é diferente do nosso?**" A cena tornou-se responsável pela maior polêmica existente entre uma rede de TV e o Movimento Negro do Brasil em toda a história da teledramaturgia brasileira. Segundo afirmação do filme, quatro dias depois da ocorrência, em uma atitude inédita, uma entidade negra de São Paulo, Geledés/SOS Racismo, procurou a justiça com uma notificação jurídica contra os idealizadores da novela, acusando-os de terem criado uma cena que feria a autoestima da comunidade negra do país. A entidade negra afirmava que sua ação não era resultado do discurso do vilão, mas da forma submissa em que a vítima reagiu às agressões. Segundo a entidade, a conduta do personagem negro não condizia com a postura do negro contemporâneo. Outras entidades de defesa das comunidades negras ameaçaram entrar com ações indenizatórias por danos morais e materiais contra a Rede Globo. A polêmica foi encerrada quando os autores e a Rede Globo reconheceram que as pressões das entidades negras eram justas e prometeram exibir uma cena em que uma personagem negra condenaria o racismo e daria conselhos para Kennedy, o personagem que foi vítima do vilão da novela.

A avaliação das entidades negras era que o resgate da dignidade do personagem só aconteceria se Kennedy sofresse um processo de conscientização, ou melhor, se outros personagens negros – e não os protagonistas brancos – o fizessem perceber que foi vítima de preconceito e que deveria brigar por seus direitos. A Globo, então, resolveu exibir uma cena, na qual a personagem negra Zilá, interpretada pela atriz Chica Xavier conversa com Kennedy sobre ter orgulho por ser quem é. O diálogo foi o seguinte: "eu sou negra e não tenho vergonha disso não. Eu não gosto de ver uma negra como eu fazer plástica prá ficar de nariz fininho porque é a nossa raça. Não tem essa de branco, negro e japonês, índio... é tudo igual, tudo gente. E eu não deixo que safadeza de racista, meu filho, venha

modificar nada na minha vida não. Eu ouço essas coisas desde criança; porque eles falam mesmo... é... eles falam e eu não deixo que nada disso venha influenciar na minha vida. A gente não pode deixar que isso venha influenciar na vida da gente. Porque quem fala essas coisas, meu filho, é gente ruim. Ruim e burra. Mas graças a Deus essa gente tá desaparecendo, porque o mundo tá melhorando. Agora, se você entra nessa de complexo, você vai estar fazendo o jogo dos safados, dos burros e vai tá entrando nessa de racista também. Eu vou ficar muito decepcionada com você”!

3.1 Reprodução do racismo inserido nas novelas: representação

Segundo o pensamento de alguns religiosos classificados como cristãos, a corrupção do mundo tem uma ligação direta com a falta de testemunho dos católicos e evangélicos, que não conseguem ser coerentes, nem santos e muito menos fieis como deveriam ser, pois, segundo esse pensamento, quem assiste a novelas (especialmente da Rede Globo) estará financiando a corrupção pelo mundo.

Claro que essa visão (extrema e pouco cuidadosa com relação a veracidade dos fatos) carece de um rigor científico que justifique tal afirmação. Mas, apesar de todas as dificuldades que possam existir para a aceitação desse pensamento de alguns cristãos, podemos refletir sobre a influência que a televisão (em especial as telenovelas) tem na vida das pessoas e da sociedade em geral. No caso específico, vale a pergunta: até que ponto as novelas podem influenciar uma comunidade para que haja transformações dentro da mesma? Ou, contrariamente ao que se pode pensar, seriam as novelas influenciadas pelo momento social que vive as comunidades?

Sobre o tema tratado nesse trabalho, há quem pense que os personagens negros vividos, ou, interpretados por atores negros, são um espelho das relações sociais existentes no Brasil. Isso pode ser constatado na publicação do Jornal A Folha de São Paulo, edição on-line, veiculado no dia 28/08/1998, onde é apresentada uma pesquisa da antropóloga Solange Martins de Lima:

O modo como as novelas brasileiras tratam os personagens negros reflete a forma com que a sociedade os trata, com um "preconceito à brasileira". É um preconceito sutil, disfarçado, com vergonha de ser preconceito. E que se traduz, por exemplo, no desaparecimento de personagens negros no decorrer de uma novela ou na criação de papéis interpretados por atores negros soltos na trama, sem base familiar, sem uma história. Ao expressarem conceitos preconceituosos de modo tortuoso, as novelas acabam reforçando o preconceito da sociedade. Nos últimos 20 anos, houve muitas mudanças na forma como são tratados os personagens negros. Agora, existem famílias negras de classe média nas novelas, mas a maioria dos avanços foram seguidos de

um passo para trás. Essas são as principais conclusões de uma pesquisa sobre os negros nas novelas que está sendo finalizada pela antropóloga Solange Martins Couceiro de Lima, professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP (Universidade de São Paulo). Ela e uma equipe de pesquisadores analisaram cerca de 25 novelas da Rede Globo, que foram ao ar às 19h e às 20h, de 1975 até hoje. Como o número de novelas transmitidas por todos os canais de TV nesse período foi muito grande, acabou se escolhendo apenas as da Globo, que foram habitualmente líderes de audiência. Também foram excluídas as novelas que tratavam de temas ligados à escravidão, que obviamente dão um tratamento muito específico aos personagens negros. Além disso, Solange fez entrevistas com alguns autores e atores de novelas. Solange não acha que é papel da novela mudar a sociedade -o máximo que consegue é mudar e criar modas. Mas, em sua opinião, as telenovelas reforçam a imagem desfavorável dos negros inclusive entre os próprios negros. Não seria de exclusiva responsabilidade dos autores essa situação, segundo Solange -exatamente por ser sutil, o preconceito às vezes se manifesta mesmo quando a intenção é tentar mostrar que não existe preconceito. Autor de novelas como "Fera Ferida" e de seriados como "Tenda dos Milagres", com grande participação dos negros e ele mesmo mulato -ou negro, como prefere se classificar-, Aguinaldo Silva diz que o preconceito revelado nas novelas reproduz o preconceito dos brasileiros. "Acho que o problema é mais amplo do que colocar a culpa do preconceito na TV ou nas novelas. Quantos negros ocupam cargos de direção nos jornais ou nas universidades, por exemplo? As novelas, a literatura reflete o preconceito que existe na sociedade", afirma. Ele acha que muitas vezes o autor das novelas acaba criando um personagem negro ocupando um cargo importante na comunidade retratada, mas se torna artificial porque na realidade são poucos os profissionais liberais negros. O público, de qualquer forma, reverencia esses personagens por reconhecer o "código" das novelas: o autor quer mostrar que não se deve ter preconceito. Outra razão para a dificuldade em se criar papéis importantes para negros seria a escassez de bons atores negros, "realmente preparados", afirma Silva. Quando ele encontra um ator que o encanta, procura valorizá-lo. Escrevendo a próxima novela das oito, ainda sem título, ele criou um papel de destaque, "eixo da história", para a atriz Isabel Fillardis, cuja personagem na novela "A Indomada" acabou desaparecendo rapidamente da trama.

Do exposto, percebe-se que a questão da influência das telenovelas na sociedade precisa ser cuidadosamente estudada, pois parece que os autores têm uma preciosa matéria-prima em suas mãos: a realidade social do Brasil com suas contradições que, por mais cruéis e preconceituosas que possam ser, é, de acordo com o escritor, Aguinaldo Silva, a situação mais natural e aceita pelos consumidores desses "produtos". Essa triste realidade precisa ser combatida e a Análise Crítica do Discurso com seus métodos pode contribuir significativamente nesse propósito.

4 CONCLUSÕES

A teledramaturgia no Brasil não pode ser vista apenas como uma forma de entretenimento de massa, já que alcança altíssimos índices de audiência. Percebe-se, então, que tem um papel de extrema importância na formação de opinião daqueles que dedicam parte de seu tempo, diariamente, para acompanhar cada capítulo da novela preferida que é apresentado. A telenovela pode abordar de forma direta questões consideradas importantes e controversas do dia a dia das pessoas e pode conduzir o telespectador à reflexão, promover discussões e direcionar pontos de vista. Porém, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso percebemos que a utilização da língua e a escolha das palavras utilizadas em certos contextos tornam esse tipo de entretenimento nocivo quando incute no imaginário das pessoas crenças invisíveis para a quase totalidade dos que assistem a esse tipo de passatempo. Podemos inferir que depois de internalizadas nas pessoas, tais convicções sugerem que a matriz étnica euro-descendente é infinitamente superior e esteticamente perfeita e possui o poder de perpetuar estereótipos sociais que causam danos profundos nas relações entre os indivíduos. Daí, de entretenimento, a telenovela passa a ser um veículo a serviço da propagação da desigualdade, da segregação racial e revela sua falta de comprometimento com a valorização da identidade e da diversidade do povo brasileiro. Essa desvalorização revelada permite inferir que se trata de uma repetição do arquétipo ou padrão social passível de ser reproduzido naturalmente no seio da sociedade brasileira.

No filme estudado nesse trabalho foram mais de quinhentas novelas analisadas que, segundo o diretor, trouxe à tona uma realidade chocante, ou seja, confirmou-se uma perversa prática da televisão brasileira: a estética do branqueamento que joga o negro brasileiro numa condição sempre subalterna e serviçal. Em um terço do corpus analisado não foi percebida a presença de atores negros sequer como figurantes. Constatou-se ainda que, em noventa por cento das novelas produzidas nesse período que continham a presença de personagens representados por atores negros, sempre apareciam como feios, serviçais, jagunços ou bandidos como representação da subalternidade ou marginalidade na sociedade brasileira. Essa lógica do branqueamento diz, de forma brutal, que há uma predestinação do elemento negro dentro da sociedade brasileira, isto é, está condenado, eternamente, a exercer papéis inferiores.

É comum ouvirmos que o Brasil é um país mestiço e que, portanto, a questão do racismo foi superada por causa desse mestiçamento. Se assim fosse, e, tomando como referência a teledramaturgia que é produzida no Brasil, perceberíamos, com exemplos,

que a situação dos atores mestiços brasileiros seria de destaque dentro desse contexto. Mas isso não ocorre. Pode-se confirmar que não há diferença de condição entre atores negros ou mestiços e de seus personagens no tocante aos estereótipos através de dois exemplos de grandes atores mestiços brasileiros: trata-se do ator Nelson Xavier e da atriz Dira Paes. Segundo Joel Zito Araújo, diretor do filme/documentário *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, o ator Nelson Xavier passou vinte anos de sua carreira sem vestir terno ou gravata quando interpretava seus personagens; normalmente, fazia o papel de pequeno comerciante rancoroso, do malandro ou de personagens que retratavam um comportamento não valorizado pela sociedade brasileira. Muitos de seus papéis faziam referência a uma espécie de raça intermediária, que não é negro e tem vergonha de sua origem negra, querendo ser branco e não consegue, por isso é ressentido. Por sua vez, a atriz Dira Paes, possuidora de fortes características indígenas, passou mais de dez anos fazendo apenas papel de empregada com perfil cômico. Sendo assim, parece que ser mestiço no Brasil é uma condição intermediária de passagem, do inferior para o superior, ou seja, pode-se inferir que a expectativa da sociedade brasileira é que as novas gerações das famílias se tornem pessoas brancas.

Depois da análise do filme/documentário de Joel Zito Araújo chega-se a algumas ilações diretas: a teledramaturgia brasileira, nesse período de vinte anos, reforça através da língua e, porque não dizer, através das várias linguagens disponíveis, a expectativa social do branqueamento das famílias. De forma concreta pode-se ver que, aqueles que são escolhidos como galãs ou como “mocinhos” são pessoas que têm características mais germânicas, olhos claros, cabelos louros; ou seja, estranhamente, a televisão e, particularmente, as novelas exibidas no período analisado pelo filme/documentário insistiram em algo que foi derrotado na segunda guerra mundial que é a afirmação dos arianos como raça superior e isso parece ser terrível. A estética da televisão brasileira, de uma forma geral, busca mais que um branqueamento, e sim, um tipo de visão ariana de ver a sociedade, na qual, a inferioridade dos negros e mestiços é vista de forma natural e confirmada através do uso da língua. Os negros e mestiços só participam na condição de representação do atraso, da feiura ou do exótico e isso vale também para a publicidade que é veiculada na televisão do Brasil, que mantém um entendimento do período colonial brasileiro, no qual, negros e mestiços só aparecem como minoria, apesar de serem maioria absoluta da população residente no Brasil e que estão sempre na condição servil. Se olharmos de forma mais cuidadosa, observando o cerne da questão, veremos que essa forma de entendimento é um retorno diário ao contexto escravocrata da história do Brasil,

que persiste em manter a mentalidade colonial que considera o branco com características arianas superior em relação a outras etnias. É o ideal de beleza ou de características para o ser humano perpetuado por aquilo que se diz.

5 REFERÊNCIAS

A NEGAÇÃO do Brasil: o negro na telenovela brasileira. Direção de Joel Zito Araújo. Rio de Janeiro: Casa de Criação, 2000. (89 min.), color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M>>. Acesso em: 03 set. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Constituição Federal do Brasil de 05 de outubro de 1988. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 10 de setembro de 2019.

_____. Decreto-lei nº 2848, de 7 de dezembro de 1940. . Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.

_____. Lei nº 2889, de 1 de outubro de 1956. Define e pune o crime de genocídio. Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L2889.htm>. Acesso em: 25 out. 2019.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2012

LIMA, Solange Martins de. Racismo: Novelas reforçam preconceito à brasileira. Folha de São Paulo. São Paulo, p. 1-1. 28 ago. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq28089841.htm>>. Acesso em: 10 out. 2019.

LOPES, Elizabete Nepomuceno Raiol; PEREIRA, Nivaldo Ribeiro Jacinto. A Negação do Preconceito Racial no Discurso da Revista Veja. Revista Ueg, Goiás, p.18-32, 20 set. 2010. Disponível em: <www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5109/3379>. Acesso em: 22 set. 2019.

MÉNDEZ, Chrystal. Entenda: 18 expressões racistas que você usa sem saber. 2018. Disponível em: <<https://mtst.org/noticias/entenda-18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>>. Acesso em: 03 jul. 2018

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil. São Paulo: Publifolha, 2001. (Folha Explica)

_____. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=KIZErDaljIc>. Acesso em: 02 nov. 2019.

VAN DIJK, Teun A. Discurso e Poder. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. Tradução de: Judith Hoffnagel e Karina Falcone.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 17, n. 3, p.27-38, 05 set. 2007. Disponível em: <www.brapci.inf.br/repositorio/2010/11/pdf_0cdd4f4611_0012678.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.